

# A APROPRIAÇÃO DE UMA FÉ FILOSÓFICA COMO INTENÇÃO FORMATIVA DE KARL JASPERS\*

THE APPROPRIATION OF A PHILOSOPHYCAL FAITH  
AS A FORMATIVE INTENTION FROM KARL JASPERS

Ferdinand Röhr

Doutor em Educação. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE – Brasil

[fröhr@uol.com.br](mailto:fröhr@uol.com.br)

**RESUMO:** Karl Jaspers não pertencia a nenhuma escola filosófica quando assumiu sua cátedra de filosofia em Heidelberg. Era médico e fundador da psicopatologia como campo científico. Desenvolveu uma forma de apropriação da substância existencial dos grandes filósofos para elaborar a sua própria doutrina, a periechontologia, como antídoto a todas as formas de reducionismo e dogmatismo. A contemplação e comunicação existencial tornaram-se a base de uma condução filosófica da vida com a meta de alcançar uma fé filosófica própria. O presente texto pretende demonstrar como a apropriação existencial da filosofia pode contribuir na conquista de uma fé filosófica de cada um e, com isso, na formação humana em tempos de insegurança generalizada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jaspers. Fé filosófica. Formação humana. Periechontologia. Condução filosófica da vida.

**ABSTRACT:** Karl Jaspers did not belong to any philosophical school when he took up his chair of Philosophy in Heidelberg. He was a doctor of medicine and the founder of psychopathology as a scientific field. He developed a kind of appropriation of the existential substance found in the great philosophers, out of which he constructed his own doctrine, periechontology, as an antidote to all and any forms of reductionism and dogmatism. Existential contemplation and communication became the foundations on which a philosophical lifestyle was to be built, the aim of which was to reach one's own philosophical faith. This article is intended to demonstrate how the existential appropriation of philosophy can contribute to helping any individual to confidently acquire a philosophical faith, and thereby, helping to form human beings in an age in which insecurity is rife.

**KEY WORDS:** Jaspers. Philosophical faith. Human formation. Periechontology. Philosophical lifestyle.

A pergunta sobre a intenção formativa da filosofia de Jaspers insere-se numa mais ampla: Qual o sentido da filosofia? Entre as mais variadas respostas e explicações espalhadas na sua obra (JASPERS, 1976, p. 14; 1963, p. 132-133; 1947, p. 10-11, 37-39, 965), a que mais condensa todas é “tornar-se aberto para a verdade” (JASPERS, 1976, p. 128; 1947, p. 540-551). Em termos mais amplos, podemos dizer que a intenção formativa da filosofia consiste em contribuir na abertura do ser humano diante da verdade. Pergunta-se, porém: o que é a verdade e como se abrir diante dela? Numa primeira distinção podemos diferenciar três posições básicas: primeiro, a crença na existência de uma verdade absoluta e na possibilidade de tê-la nas mãos. Trata-se, em termos de Jaspers, de uma verdade dogmática, uma ontologia que se acha na posse do conhecimento do Ser (Parmênides, Aristóteles, Hegel, Marx, Freud, entre outros). Radicalmente oposto a essa posição é o relativismo absoluto. Para ele, a verdade em si não existe. O que está sendo considerada verdade é sempre construção histórico-cultural do ser humano, portanto mutável e sem fundamento seguro (Sofistas, Nietzsche, Sartre, entre outros). Jaspers (1963, p. 141) costuma chamar esta posição de “niilismo”. Ele mesmo advoga para uma terceira posição: a verdade em si existe, porém, ela não é acessível ao ser humano na sua totalidade. É possível aproximar-se da verdade válida para o indivíduo e buscar verificações em comunicação com outros, sem, portanto, chegar a verdades existenciais com validade universal (Sócrates, Lessing, Gabriel Marcel, entre outros). Tarefa da formação, a partir da filosofia, seria denunciar os equívocos que levam ao dogmatismo e relativismo e demonstrar como é possível a aproximação da verdade, a conquista de uma verdade existencial válida para a pessoa que a alcança.

O dogmatismo, para Jaspers (1963), aparece tradicionalmente nas religiões, principalmente naquelas baseadas em revelações divinas. Estas solicitam um ato de fé sem possibilidade de verificação própria, portanto, para Jaspers, um ato filosoficamente não sustentável. Mesmo não percebendo uma possibilidade de justificar uma fé em revelações divinas, Jaspers (1963, p. 513-534) respeita essa opção como possibilidade humana, desde que se respeitem opções diferentes para outrem. Os dogmatismos na filosofia caracterizam-se pelo fato de tomarem um determinado aspecto do Ser como o Ser inteiro. Na Grécia Antiga temos as várias tentativas de detectar e fixar a *arché*. Na modernidade, identificou-se o Ser com a

natureza, o espírito absoluto, a vontade, a estrutura econômica, o inconsciente, a raça, etc. Essa atitude prolonga-se de forma mais generalizada nas ciências modernas. Diante do fabuloso e imparável progresso das ciências nos dias de hoje, instalou-se a crença num potencial irrestrito delas. Acredita-se que a verdade inteira é, com o tempo, acessível às ciências. Jaspers (1963, p. 430-431) chama essa crença de “superstição científica”, que gera um dogmatismo supostamente sustentado pela ciência. A atitude filosófica – que é ao mesmo tempo uma atitude pedagógica – contra todas as posições reducionistas é demonstrar o que está sendo desconsiderado em cada visão supostamente completa do Ser. No caso das ciências, basta a consciência de que a realidade só é acessível a ela pela delimitação do objeto a ser pesquisado e a escolha de um procedimento metodológico para perceber que ela, de fato, não é capaz de abraçar o todo do Ser. Em segundo lugar, Jaspers não cansa de demonstrar a impossibilidade, por princípio, de abraçar o Ser num conhecimento universalmente válido. Ele chama a argumentação que sustenta esse fato de “operação fundamental da filosofia” (JASPERS, 1947, p. 37-44), que representa para ele o antídoto de todo dogmatismo. Historicamente percebeu-se o Ser como algo objetivo da realidade (água, ar, elementos, átomo, etc.). Percebendo os impasses dessas tentativas voltou-se para o lado subjetivo (razão, espírito, sentimento, vontade, etc.). Porém, a realidade na sua inteireza não pode ser nem o lado objetivo, nem o subjetivo. Tem que ser algo que englobe ambos. Contudo, a consciência humana está atrelada à divisão sujeito-objeto. Na tentativa de transcender essa divisão, não podemos esperar um resultado nem objetivo, nem subjetivo. Buscando alcançar o Ser como todo, entramos no paradoxo de precisar pensar o que não pode ser pensado, de pensar algo como objeto que não pode ser objeto, pensando o Ser ao mesmo tempo em que reconhecemos a inadequação deste pensamento. Dessa forma, revela-se a impossibilidade de pensar o Ser adequadamente. Para expressar esse limite do conhecimento humano, Jaspers chama a realidade que engloba o subjetivo e o objetivo das *Umgreifende* (JASPERS, 1947, p. 43), o todo-abrangente, ou o englobante, em outra possibilidade de tradução. Filosofar significa, portanto, filosofar diante do englobante, na tentativa de transcender a divisão sujeito-objeto, ao mesmo tempo em que precisa reconhecer que isto só pode ser uma tentativa inadequada. Assim, uma verdade última e definitiva está fora do alcance do ser humano.

Essa argumentação seria um aporte forte para a posição relativista, se Jaspers não enxergasse a possibilidade de chegar a verdades subjetivas e incondicionalmente válidas, filosofando diante do englobante. De início, temos de reconhecer que o relativismo absoluto também é uma afirmação sobre o Ser e conseqüentemente pode ser criticado pela operação filosófica básica. Além disso, ele é contraditório em si, afirmando a si mesmo como verdade universalmente válida e ao mesmo tempo considerando todas as verdades relativas. Descartando, assim, o relativismo absoluto e reconhecendo que a verdade absoluta não pode ser conhecida, resta esclarecer que tipo de certeza é acessível ao ser humano. Para obter uma resposta a essa pergunta precisamos analisar as diferentes maneiras em que o englobante se revela para nós. Jaspers (1947, p. 47-50) distingue sete maneiras em que o englobante se nos apresenta e chama a filosofia em torno delas de periechontologia (doutrina das maneiras do englobante), distanciando-se da ontologia. Entre as sete maneiras distinguem-se as do lado subjetivo das do lado objetivo, bem como as imanentes das transcendententes. Ser-aí (*Dasein*) (p. 53-64), consciência em geral (*Bewusstsein überhaupt*) (p. 64-70) e espírito humano (*Geist*) (p. 71-76) são as maneiras subjetivas e imanentes; mundo (*Welt*) (p. 85-107) é o correspondente objetivo na imanência. Existência (*Existenz*) (p. 76-83) é o lado subjetivo e transcendência (*Transzendenz*) (p. 107-113) o lado objetivo das maneiras transcendententes. Razão abrangente (*Vernunft*) (p. 113-120) é identificado por Jaspers como laço de todas as maneiras do englobante e perpassa, enquanto tal, tanto as maneiras subjetivas e objetivas quanto as imanentes e transcendententes. Para fazer essas distinções, Jaspers encontra respaldo na história da filosofia. Destacamos a seguir alguns dos filósofos dos quais Jaspers se apropriou de ideias e reflexões básicas para a elaboração da sua periechontologia. Essa forma de apresentação permite ao mesmo tempo uma primeira aproximação à compreensão como Jaspers avalia a história da filosofia como fonte do próprio filosofar enquanto objeto de estudo valioso para a formação humana.

Podemos, em primeiro lugar, identificar uma forte influência de Platão quanto à diferenciação entre a realidade imanente e a transcendente. O ser-aí corresponde, nas suas características básicas, ao que Platão chama de mundo sensível. É a vida biológica e social, são os impulsos, desejos, necessidades e funções fisiológicas que sustentam as nossas vidas, sem ne-

cessariamente ter consciência deles. Porém, Jaspers não acompanha Platão quando ele localiza as ciências matemáticas (consciência em geral) como porta de entrada no reino do transcendente. Para Jaspers, tanto a consciência em geral quanto o espírito humano pertencem ainda à realidade imanente. A consciência em geral é clara inspiração em Kant. Trata-se da afirmação central da filosofia transcendental de que existe uma parte da consciência humana em que todos os seres humanos coincidem num pensamento idêntico. Engloba principalmente os conhecimentos da lógica, da matemática e das ciências. Estes se diferenciam de uma parte individual da consciência, que contém as infinitas criações de ideias, as modificações das mesmas em sempre novas formas. Trata-se do espírito humano que lembra muito a filosofia de Hegel nas suas vastas investigações do espírito, sem, portanto, fazer da dialética hegeliana fundamento metafísico de sua filosofia. Dessas três maneiras, em relação com seu lado objetivo em comum, o mundo, temos evidências constantes e inquestionáveis. É isso que as caracteriza como imanentes. A tentação do ser humano é instalar-se na imanência e procurar encontrar nela a orientação para sua vida. Porém, o ser-aí está exposto a um processo cego de nascer e morrer; a consciência em geral fornece conhecimentos universais, entretanto, sem oferecer respostas às questões essenciais da vida humana; o espírito humano perde-se nas mais belas ideias, que, como a crítica aguda de Nietzsche demonstrou, não se sustentam em si mesmas. Jaspers (1947, p. 271-272) preza bastante a necessidade de uma crítica radical às orientações da vida baseadas meramente na imanência, sem seguir Nietzsche em nada na sua glorificação da “vontade voltada para o poder” (*Wille zur Macht*). O passo que Jaspers indica do imanente para o transcendente está inspirado principalmente em Kierkegaard. O conceito de existência como possibilidade de ser a si mesmo, não diante do vazio, como em Sartre, mas diante de algo absoluto, algo de cobrança incondicional, a transcendência, encontra-se nesse autor com nitidez. “Existência é o *ser a si mesmo, que se relaciona consigo mesmo e, nisso, sabe-se referido ao poder pelo qual foi posto* (Kierkegaard)” (JASPERS, 1963, p. 118, grifo do autor). Ser a si mesmo supõe a experiência de sentir-se livre na escolha de si mesmo. A possibilidade de ser livre, para Jaspers, não é conquista ou obra do ser humano. Ela pode ausentar-se e, nesta situação, nós não temos condição de forçar a percepção de em que decisão se expressa a nossa liberdade de ser autêntico. E, quando ela se revela na

certeza do que somos e o que temos de fazer, ela aparece para nós como se fosse uma graça concedida. Não se trata da liberdade do livre arbítrio, nem de uma liberdade que Jaspers chama de negativa, quer dizer, que nos apenas liberta de restrições externas na nossa vida. É a liberdade positiva que paradoxalmente se expressa como: não posso atuar diferente para ser a mim mesmo. Meu ser autêntico, minha existência, exige de mim escolher tal opção de vida e não outra. Para Kierkegaard, o passo da imanência para a transcendência é o para a fé cristã. Jaspers não segue Kierkegaard nessa convicção. O cristianismo está baseado em revelação divina e a crença em algo de que não podemos ter confirmação própria não corresponde à postura filosófica na visão de Jaspers. Ele acredita numa transcendência, porém, ela em si mesma é inalcançável ao pensamento humano, trata-se do *Deus absconditus* (JASPERS, 1963, p. 386-398). Em busca desse Deus, a humanidade criou imagens, mitos, dogmas, rituais e supostas interligações com a transcendência, identificando-os, equivocadamente, com a transcendência mesma. A experiência parcial e individual da transcendência tornou-se conhecimento objetivo, verdade absoluta, e com isso falso. Isso não significa para Jaspers que devemos condenar essas tentativas por inteiro. Em vez de acreditar na verdade absoluta delas, deveríamos considerá-las como cifras da transcendência, como certa intermediação entre ser humano e transcendência. Elas mesmas não são a transcendência, mas podem servir à existência na busca de si mesmo como possíveis apontadores da transcendência. Elas podem se revelar como orientação incondicional para a existência, na medida em que ela, num processo de aproximação, se identifica com alguma delas. Existência significa, portanto, encontrar a si mesmo diante da transcendência, lendo as cifras dela. Finalmente, a razão abrangente, como sétima maneira do englobante, advém da distinção entre *Verstand* (entendimento ou consciência em geral) e *Vernunft* (razão abrangente) em Kant (JASPERS, 1963, p. 128). Além da consciência em geral que fornece conhecimentos evidentes e gerais, Kant identifica uma capacidade racional no ser humano, a razão abrangente, que não se sustenta num discurso argumentativo inquestionável, mas numa percepção daquilo que leva a uma certeza interna sobre as condições últimas da dignidade humana, ultrapassando os conhecimentos da consciência em geral, porém sem desconsiderar as certezas dela<sup>1</sup>. Jaspers amplia a função desse senso interno como juízo possível sobre a união das maneiras do

englobante. Não se deve considerar essas maneiras de forma isolada ou até jogar uma contra a outra. Tarefa humana é criar uma união entre elas, observando a contribuição legítima de cada uma para chegar a uma decisão em que a existência está sendo vivida em interligação com as demais maneiras. Essa união precisa ser reformulada e restabelecida constantemente. Nesse sentido, a razão abrangente nada exclui de antemão, preserva a existência de petrificações, busca sentido no mais estranho e diferente, pondera os extremos e contrários, nunca se fixa em algo, permanecendo em movimento sempre. Jaspers tem consciência da especificidade deste seu caminho na apropriação de pensamentos de grandes filósofos e as posições assumidas e rejeitadas. Ele chama a sua periechontologia sua própria fé filosófica. Aliás, como não temos e não podemos ter certeza generalizada sobre as últimas questões do Ser, todas as elaborações em torno dele implicam em atos de fé. Mesmo os mais radicais agnósticos não podem saber, mas somente acreditar que a postura de não julgar é a mais adequada. Não existe lugar fora da metafísica. Até o ato de negar a metafísica em si é um ato metafísico. Somente temos a possibilidade de esconder os nossos atos de fé diante dos outros e de nós mesmos, ou de assumi-las com toda clareza e nos responsabilizar por elas. Só esta segunda posição é uma postura filosófica que busca abertura diante da verdade, que quer saber o que de fato se pode saber, sempre limitado a pressupostos, e ao que necessariamente solicita um ato de fé filosófica.

Jaspers (1963, p. 142) caracteriza a fé filosófica da seguinte forma:

A realização que vem do englobante, no qual nem objeto nem sujeito estão sendo perdidos, em vez, ambos permanecem presentes em Um, chamamos fé no sentido mais amplo e seu resseguro o resseguro de fé. Fé num sentido elevado, ultrapassando a imanência, encontramos no resseguro da existência e da transcendência. O resseguro da razão abrangente como sentido indispensável no filosofar, clareia a fé na razão abrangente, que pertence à fé filosófica enquanto sua mais própria força.

Reconhecendo que Jaspers mesmo adquiriu a sua fé filosófica num processo pessoal de apropriação da história da filosofia, ele não só admite o direito dos outros de buscar a própria fé filosófica, mas a filosofia dele

exige de cada pessoa a autenticidade naquilo que acredita. A sua postura pedagógica enquanto filósofo é apelar para que cada um conquiste sua própria fé filosófica. A questão central do caminho dessa conquista é a forma como apropriar-se da filosofia. A forma mais comum é aliar-se a uma escola filosófica, estudar a fundo para defendê-la diante de todas as outras como mais verdadeira. Cria-se uma simbiose entre professores-guias e alunos-seguidores de mútuo reforço e manutenção dos paradigmas em comum, fortalecendo e realimentando-os em intercâmbio acadêmico com “correligionários”. Jaspers mesmo avaliou havendo sido feliz a sua trajetória pessoal em que não conheceu a filosofia enquanto estudante de filosofia aliado a uma escola filosófica. Ele mesmo estudou medicina, voltou-se para a psicopatologia e fundou a mesma como ciência, antes de fazer da filosofia sua ocupação profissional. Esse fato facilitou para ele seguir uma forma própria de se apropriar da filosofia e o motivou a aconselhar todos seus estudantes de estudar a fundo uma ciência, antes de se fixar no estudo da filosofia com o objetivo de fazer dela a sua profissão. Desta forma, é necessário aprofundar as reflexões de Jaspers sobre a forma de apropriação da filosofia que leva a uma fé filosófica como contribuição fundamental na formação humana.

Jaspers (1982, p. 66-67) costuma analisar o processo de apropriação em três degraus: O primeiro é simplesmente tomar conhecimento “[...] dos fatos, das sentenças, das relações e das interdependências” das afirmações dos filósofos ao longo da história. Disso distingue-se a contemplação de “[...] figuras, imagens e unidades, sejam elas caracteres pessoais, sejam elas pensamentos sistemáticos” (p. 67). Típico para estas contemplações é que elas “[...] permanecem objetivadas, distanciadas, panorâmicas, cenários [...]. Trata-se de um vislumbrar do majestoso e efetivo com um traço típico de não-comprometimento, estético-objetivo.” (p. 67). A apropriação verdadeira é a apropriação existencial:

Ela é o comprometido envolver-se com os filósofos como exemplos e contraexemplos. No decorrer da apropriação acontece o acordar-a-si-mesmo e o compreender-a-si-mesmo. O meramente objetivo transforma-se em função da existência, o estranho em algo próprio, o que é do passado, simplesmente temporal, torna-se presente e algo eterno. Um assistir passi-

vo vira preparação para um existir ativo. É o tornar-se-a-si-mesmo na apropriação via comunicação pessoal. (JASPERS, 1982, p. 67).

Nesse processo de apropriação existencial, cada indivíduo faz as suas escolhas: o que é essencial e verdadeiro para ele, o que não. Não se alcança esse estágio sem os anteriores. Para Jaspers (1982, p. 66), “É necessário muito trabalho no caminho que perpassa o objetivo e o que pode ser conhecido para alcançar, nos momentos mais iluminados, a proximidade necessária e com isso a verdadeira presença viva”. Segundo ele,

Na medida em que filosofar é filosofar existencial, este acontece na apropriação e controvérsia com o pensamento das existências do passado. [...] A profundidade da existência no filosofar é condicionada pela medida de apropriação do espírito efetivamente atuante em que se tornam presente as existências. (JASPERS, 1982, p. 61).

Apropriação, nesse sentido, ao mesmo tempo é comunicação consigo mesmo, ou um atuar interno, como Jaspers (1947, p. 180-181) frequentemente chama essa atitude, e com outros, enquanto seres que viveram ou estão vivendo sua própria existência.

Vale ressaltar que para Jaspers a filosofia é um campo privilegiado da apropriação existencial, porém não o único. Arte, literatura (JASPERS, 1982, p. 120-121) e até qualquer situação cotidiana, e nesses especialmente as situações-limites (JASPERS, 1947, p. 865) – morte, doença, culpa, ser envolvido com poder, etc. – são momentos de possível apropriação existencial. A apropriação da nossa realidade cotidiana obedece ao mesmo espírito da apropriação dos grandes filósofos e ambos se complementam na tarefa de efetuar uma condução filosófica da nossa vida com a meta de cada pessoa encontrar sua fé filosófica, para Jaspers a tarefa mais urgente no momento histórico que vivemos. Isso porque é sintoma da nossa época que não se vive mais numa ordem social inquestionável, mas

[...] num mundo em iminente derrocada, onde a tradição encontra cada vez menos adeptos, num mundo que subsis-

te apenas enquanto ordem exterior, destituído de simbolismo ou transcendência, que deixa a alma vazia sem dar satisfação ao homem; este, se o mundo o não prende, fica à mercê de si próprio, da cupidez e do tédio, da angústia e da indiferença. (JASPERS, 1984, p. 115).

O estímulo para uma condução filosófica da nossa vida advém de um impulso de contraposição, da não conformação de que a vida se esgota nisso. Isso não pode nos levar, de forma alguma, segundo Jaspers (1984, p. 116), a menosprezar “[...] as tarefas materiais que nos submetem às exigências do dia-a-dia”. Jaspers (1976, p. 93) indica dois caminhos que levam à condução filosófica da nossa vida:

[...] a meditação que, em momentos de solidão, perpassa todas as maneiras de contemplação [e a] comunicação com os homens, através de todas as maneiras do mútuo compreender-se no atuar-com-o-outro, no falar-um-com-o-outro e no silenciar-se-um-com-o-outro.

A meditação começa com o tornar-presente das vivências do nosso cotidiano. Nas palavras de Jaspers (1984, p. 118),

Rememoro o que fiz durante o dia, o que pensei, o que senti. Examino o que foi falso, aquilo em que menti a mim próprio, em que usei de subterfúgio, em que foi insincero. Vejo o que em mim aprovou e aquilo em que desejaria melhorar-me. Tomo consciência da fiscalização que sobre mim exerço e se a mantenho ou não durante o dia. Julgo-me – não o todo inacessível que eu sou, mas os meus diversos comportamentos – descubro os princípios a que quero obedecer e registro as palavras com que me deverei admoestar, na ira, no desespero, no tédio e outras formas de perdição: palavras de advertência, mágicas por assim dizer (talvez “comedimento”, “pensar nos outros”, “esperar”, “Deus existe”).

As meditações sobre os pormenores das nossas experiências conosco no mundo, naturalmente, nos conduzem às questões de uma possível realidade transcendente:

[...] encaminhado pelo curso dos pensamentos filosóficos certifico-me do autêntico ser, da divindade. Decifro os hieróglifos do ser com a ajuda da poesia e da arte. Torno-as inteligível pela actualização filosófica. Procuo assegurar-me da intemporalidade ou da eternidade no tempo, tento entrar em contato com a origem da minha liberdade e, através dela, com o próprio ser, demandando por assim dizer o fundamento da minha ciente participação na criação. (JASPERS, 1984, p. 118).

Para a condução filosófica da vida, a contemplação não tem fim em si mesmo. Ela deve levar à ação, e, necessariamente, precisamos-nos questionar:

[...] o que *tenho que fazer ao presente*. A lembrança de que a nossa vida individual se situa numa comunidade é o pano de fundo sobre o qual ressalta claramente a tarefa presente até aos seus mais ínfimos pormenores cotidianos, sempre que o valor do englobante se subverte no meio da inelutável veemência do pensamento pragmático. (JASPERS, 1984, p. 118, grifo do autor).

A meditação em solidão é somente um momento da condução filosófica da nossa vida. “O que apenas para mim adquiro pela meditação, se fosse tudo, seria em vão. O que se não consuma na comunicação é inexistente, o que em última instância nela não se radica não tem fundamento suficiente. A verdade começa com dois.” (JASPERS, 1984, p. 118-119). A condução filosófica da vida demanda como complemento indispensável a

[...] constante comunicação, exige o risco incondicional que lhe é inerente, exige o sacrifício da minha pertinaz autoafirmação, sempre prepotente sob diversos disfarces e sempre prepotente, exige que viva na esperança de que, imprevisivelmente, o sacrifício me restitua a mim próprio. (JASPERS, 1984, p. 119).

A autocontemplação precisa de uma instância de controle, de crítica radical, para que o indivíduo não se perca em falsas convicções e dogmatismos.

Eis por que continuamente deverei sujeitar-me à dúvida, não deverei agarrar-me à certeza nem contentar-me com um ponto supostamente fixo no meu íntimo, que me esclareça com confiança e me julgue com verdade. Essa autosssegurança é a forma mais traiçoeira da inverídica autoafirmação. (JASPERS, 1984, p. 119).

Meditação e comunicação incondicional são os caminhos que nos levam à percepção de nós mesmos e à fé filosófica que significa a verdade para nós.

Uma análise dos escritos autobiográficos (JASPERS, 1967, 1983) e de testemunhos (SANER, 1973, PIPER; SANER, 1974) da vida de Jaspers revelam tanto aspectos da educação dos pais, que deram suporte à condução filosófica da vida dele, quanto os próprios esforços e feitos: começando com a sua oposição ao diretor autoritário da sua escola e o comportamento autodisciplinador diante da sua doença; passando pela luta por clareza científica na psicopatologia e por liberdade acadêmica; arriscando a própria vida por causa da fidelidade incondicional com sua esposa judia no nazismo; finalmente, mantendo-se no isolamento sofrido devido a sua denúncia contundente da culpa dos alemães e, em seguida, por ter caracterizado a recém instalada democracia na Alemanha Ocidental como oligarquia de partidos. Da mesma forma, existe um vasto material de alunos e colegas (Piper; SANER, 1974) sobre a postura pedagógica de Jaspers de rejeitar a postura de simples seguidores, ao mesmo tempo em que não cansa de apelar para a autoeducação, visando à necessidade de cada um conquistar a própria fé filosófica para viver dignamente sua humanidade.

## Notas

- \* Texto apresentado como comunicação no 5º Congresso da Sociedade de Filosofia da Educação de Língua Portuguesa (SOFELP) realizado na UNICAMP de 26 a 28 de agosto de 2015.
- 1 A ideia da liberdade humana, da imortalidade da alma e a ideia de Deus jamais podem ser provadas pelo *Verstand* na sua verdade, porém são os postulados necessários da *Vernunft* para Kant.

## Referências

JASPERS, K. *Der philosophische Glaube angesichts der Offenbarung*. 2. ed. München: Piper, 1963.

\_\_\_\_\_. *Einführung in die Philosophie*. Zwölf Radiovorträge. 17. ed. München: Piper, 1976.

\_\_\_\_\_. *Iniciação Filosófica*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos. 7. ed. Lisboa: Guimarães & C., 1984<sup>7</sup>.

\_\_\_\_\_. *Schicksal und Wille*. Autobiographische Schriften. Ed. por Hans Saner. München: Piper, 1967.

\_\_\_\_\_. *Von der Wahrheit*. Philosophische Logik. Erster Band. München: Piper, 1947.

\_\_\_\_\_. *Wahrheit und Bewährung*. Philosophieren für die Praxis. München: Piper, 1983.

\_\_\_\_\_. *Weltgeschichte der Philosophie*. Einleitung. München, Zürich: Piper, 1982.

HERSCH, J. *Karl Jaspers*. Tradução de Luis Guerreiro P. Cacais. Brasília, DF: Editora da Univ. de Brasília, 1982.

PIPER, K. SANER, H. (Ed.). *Erinnerungen an Karl Jaspers*. München, Zürich: Piper, 1974.

SANER, H. *Karl Jaspers in Selbstzeugnissen und Bilddokumenten*. Reinbeck bei Hamburg: Rowohlt, 1970.

\_\_\_\_\_. (Ed.) *Karl Jaspers in der Diskussion*. München: Piper, 1973.

Recebido em 19 set. 2015 / Aprovado em 6 nov. 2015

Para referenciar este texto

RÖHR, F. A apropriação de uma fé filosófica como intenção formativa de Karl Jaspers. *EccoS*, São Paulo, n. 38, p. 17-29, set./dez. 2015.

